

A DÉCADA GLOBAL DA RESTAURAÇÃO DE ECOSSISTEMAS

POR QUE PODEMOS NOS DAR BEM COM ELA?

Por Ricardo Augusto Gorne Viani, Adélia Carla Santos Ornelas, Crislaine de Almeida e Daniel Hörle

Vivenciamos uma intensa degradação de florestas e outros ecossistemas nos últimos séculos. Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO),¹ atualmente são mais de 2 bilhões de hectares degradados que necessitam de alguma intervenção. Essa degradação ainda ocorre nos dias atuais e o cenário é de ameaças à biodiversidade, ao clima e à provisão de benefícios advindos da natureza, essenciais à vida humana. Mas a preocupação com essa degradação não é de hoje. A restauração ecológica, que trata da difícil tarefa de assistir a recuperação de ecossistemas degradados, perturbados ou destruídos, é antiga, remonta a séculos. Ela pode ser resultado direto ou indireto de ações humanas e é um processo de longo prazo. O objetivo não é recuperar o estado inicial não degradado dos ecossistemas, mas facilitar, acelerar e recuperar as condições para que este seja capaz de se manter sozinho e autoperpetuar, sem a necessidade de ações humanas continuamente.

Em virtude da degradação acentuada, nas últimas décadas a restauração de ecossistemas deixou de ser uma opção e ganhou status de prioridade global. Surgiram iniciativas ambiciosas de restauração ecológica. Hoje, há programas em escala regional ou de biomas,

como o Pacto pela Restauração da Mata Atlântica, cujo objetivo é recriar paisagens florestais no bioma mais habitado do país, altamente degradado, mas prioritário para a conservação da biodiversidade global. Há também vários compromissos nacionais, resultantes de metas voluntárias estabelecidas nas convenções do clima. Há acordos globais, como o Bonn Challenge,² que tem o objetivo de restaurar 350 milhões de hectares de terras desmatadas até 2030. A compilação dos principais compromissos assumidos para a restauração no mundo traz valores incríveis: ultrapassam os 2 bilhões de hectares para restauração geral, chegando a 3 bilhões de árvores a serem plantadas nos ecossistemas florestais. Mas nada supera em expectativas a Década Global da Restauração de Ecossistemas, criada justamente para viabilizar o alcance conjunto dessas grandes metas.

Década Global da Restauração de Ecossistemas

Lançada oficialmente em 5 de junho de 2021 e liderada pelo programa da ONU para o Meio Ambiente (PNUMA)³ e pela FAO, a *Década Global da Restauração de Ecossistemas (2021-2030)*⁴ é um apelo visando acelerar as ações de restauração nos próximos 10 anos. O

prazo foi propositadamente estabelecido como 2030, pois seria o limite para que ações mais impactantes fossem tomadas a fim de evitar as consequências catastróficas da degradação (Figura 1). Em cada estratégia, as ações visam construir um movimento global de restauração, aumentar a vontade política, e construir a capacidade técnica e financeira necessária para a restauração em larga escala.

Além de muitos benefícios ambientais, a restauração de ecossistemas traz diversas recompensas econômicas e sociais. Um relatório de 2018⁵ do World Resource Institute (WRI) apresentou uma vantagem tangível para a sociedade: aumentar a cobertura florestal em áreas prioritárias nas bacias hidrográficas do **Sistema Cantareira** em 8% pode reduzir a poluição de sedimentos, resultando em um retorno de 28% em investimento com obras de infraestrutura hídrica em 30 anos. Outros estudos mostram que a cada dólar investido na restauração, são gerados 30 dólares em benefícios econômicos ao país. Assim, devemos pensar que a restauração é algo que gera emprego, movimentação e dinamiza a economia, cria cadeias produtivas de produção de sementes e mudas e envolve populações e conhecimentos regionais e tradicionais. Diante desse fato, podemos esperar

Sistema de captação e fornecimento de água que abastece boa parte da população da região metropolitana de São Paulo-SP. Várias ações e projetos têm visado à restauração florestal nas áreas degradadas do Sistema Cantareira.

1 Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. [Acesse aqui.](#)

2 The Bonn Challenge. [Acesse aqui.](#)

3 Por que o PNUMA é importante? [Acesse aqui.](#)

4 Nações Unidas Brasil. 2021. [Acesse aqui.](#)

5 Help for São Paulo's Complex Water Woes: Protect and Restore Forests. Suzanne Ozment e Rafael Feltran-Barbieri. 2018. [Acesse aqui.](#)

um movimento social, econômico e ambiental advindo da aplicação das ações orientadas pela Década da Restauração de Ecossistemas.

Que perspectivas temos sobre a Década da Restauração de Ecossistemas?

Isto posto, temos questões pertinentes: estamos, no Brasil, preparados para tocar a agenda proposta pela Década para a restauração dos ecossistemas e os seus desafios associados? Como essa década pode nos afetar? Céticos, estimulados por uma sombria e estreita visão contrária a tudo que se refere ao ambiente e à conservação da natureza, podem dizer que a Década não passa de bobagem e palavras vazias, mas a verdade é que a Década é mais uma boa oportunidade para o Brasil se destacar globalmente.

Diferentemente de vários outros países, e apesar do cenário político recente desfavorável, temos metas nacionais acordadas e definidas em lei. O Brasil estabeleceu a necessidade de restaurar 12 milhões de hectares até 2030. Temos também mecanismos legais criados para alavancar a restauração, como a Lei de Proteção da Vegetação Nativa (LPVN),⁶ a Política PRO-VEG⁷ e o Plano Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa,⁸ e mais recentemente, a Política Nacional de Pagamento por Serviços Ambientais,⁹ que visam garantir a preservação e a restauração ecológica e benefícios econômicos a proprietários rurais que restauram e/ou conservam áreas de vegetação nativa.

Temos movimentos subnacionais, como o Pacto pela Restauração da Mata Atlântica,¹⁰ que desde 2009 congrega centenas de instituições que trabalham em prol da restauração do bioma, gerando e difundindo conhecimento, ca-

pacitando pessoas e instituições, e promovendo discussão sobre programas e políticas públicas de restauração. De modo análogo, há a Aliança pela Restauração na Amazônia,¹¹ surgida em 2017 e, desde 2014, o Brasil conta uma sociedade organizada sobre o tema, a Sociedade Brasileira de Restauração Ecológica (Sobre).¹² Temos a Coalizão Brasil Clima Florestas e Agricultura,¹³ que une mais de 300 instituições do setor privado, setor financeiro, academia e sociedade civil, em prol da liderança do Brasil em uma nova economia de baixo carbono, competitiva e inclusiva.

Há também diversas ONGs trabalhando com metas audaciosas de restauração como a Black Jaguar Foundation¹⁴ que visa implementar o maior corredor de biodiversidade do planeta, o ISA,¹⁵ que executa diversos projetos de restauração em áreas indígenas, a SOS Mata Atlântica, a The Nature Conservancy,¹⁶ o WWF (World Wide Fund for Nature)¹⁷ e o WRI (World Resources Institute),¹⁸ entre muitas outras, todas com agendas específicas de restauração de ecossistemas. Enfim, são diversas ações, partindo dos mais variados setores, ocorrendo concomitantemente no Brasil.

No que se refere a capacidade técnica para executar a restauração ecológica, muito já tem sido feito na Mata Atlântica nos últimos 40 anos e, para ela, já existe tecnologia desenvolvida por pesquisadores e cientistas e uma cadeia de restauração florestal relativamente bem estabelecida, da coleta e produção de mudas até o monitoramento das ações no campo. No Cerrado, avançamos bastante nas últimas décadas, em articulação, organização, geração de conhecimento científico e desenvolvimento de técnicas para restauração. Há ainda o que avançar neste e em outros biomas,

mas temos um caminho já conhecido e pavimentado a percorrer. Usando nossos movimentos e acordos já consolidados, largamos na frente de muitos outros países. Em virtude da Década, recursos e investimentos internacionais devem se tornar ainda mais disponíveis para a restauração e podemos tirar proveito desse arranjo já estabelecido, à parte de todo o cenário político desfavorável.

Desafios

Mas nem tudo são flores. Se por um lado a Década traz uma oportunidade, será sem dúvida um período de cobranças, afinal, com toda a atenção e a mobilização para o tema, os resultados serão cobrados e questionados por gente desconfiada. Então, será hora de mostrarmos a novos públicos que a restauração é sem dúvida importante e bem-vinda, não só promovendo conservação da biodiversidade, serviços ecossistêmicos, mas também gerando renda, empregos e desenvolvimento sustentável, como já descrito. E, para isso, não bastam bons projetos e diálogo entre restauradores. São necessários avanços em escala e uma comunicação clara e assertiva de dados, números e informações, direcionada especialmente àqueles ainda não conectados e abraçados e esta importante agenda temática. É convencendo pessoas até então desconectadas da restauração que grandes avanços virão. A década da restauração está aí para nos apoiar. É hora de arregaçarmos as mangas. Com integração de setores e vontade política, outro ponto indispensável e que pode ser o fiel da balança, nós, Brasil, podemos abandonar a liderança em degradação e assumir de vez um protagonismo global na restauração de ecossistemas. ■

6 Lei nº12.651/2012. [Acesse aqui.](#)

7 Política Nacional de Recuperação Nativa. [Acesse aqui.](#)

8 Você sabe o que é Planaveg? Conheça o plano do Brasil para restaurar 12 milhões de hectares. WRI Brasil. 2019. [Acesse aqui.](#)

9 Lei 14.119/2021. [Acesse aqui.](#)

10 Pacto pela Restauração da Mata Atlântica. [Acesse aqui.](#)

11 Aliança pela Restauração na Amazônia. [Acesse aqui.](#)

12 Sociedade Brasileira de Restauração Ecológica. [Acesse aqui.](#)

13 Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura. [Acesse aqui.](#)

14 Black Jaguar Foundation. [Acesse aqui.](#)

15 Instituto Socioambiental. [Acesse aqui.](#)

16 The Nature Conservancy. [Acesse aqui.](#)

17 World Wide Fund for Nature. [Acesse aqui.](#)

18 World Resources Institute. [Acesse aqui.](#)



Fig. 1: Estratégias para a Década da Restauração. Autoria: Revista Guia UFSCar. Fonte: [Acesse aqui](#).